

**“O GOVERNO PASSOU A MÃO POR CIMA” – NARRATIVAS SOBRE
POLÍTICAS PÚBLICAS EM TEMPOS DE ENCHENTE. – JAGUARUANA,
CEARÁ. (1960-1985)**

**"THE GOVERNMENT RAN A HAND OVER " - NARRATIVES PUBLIC
POLICIES IN FLOOD TIMES. - JAGUARUANA, CEARÁ . (1960-1985)**

Me. Kamillo Karol Ribeiro e Silva*

*“Ai de nós se não tivesse sido os ovos do
Gonzaga Mota.” Chico Pequeno²*

RESUMO

O presente artigo discute, a partir das narrativas orais de trabalhadores rurais do município de Jaguaruana – CE a políticas públicas de convivência com as enchentes executadas pelos governos municipal e estadual nos anos de 1960, 1974 e 1985, anos de muitas chuvas e de cheia do Rio Jaguaribe na região cearense do Vale que carrega o mesmo nome do aquífero. Dentre outras questões como o trabalho com as memórias, a interpretação da oralidade e o tratamento das narrativas orais como fonte histórica e também como metodologia de pesquisa, o texto também aborda as estratégias de sobrevivência dos entrevistados em tempos de enchente e as ações de políticos no período, em busca de retorno eleitoral, configurando o que passamos a chamar de indústria da cheia.

Palavras-chave: Enchentes; Memória; Oralidade; Rio Jaguaribe.

ABSTRACT

Based on oral narratives of rural workers from the city of Jaguaruana, state of Ceará, this article discusses, the public policy of coexistence with the floods performed by municipal and state governments in 1960, 1974 and 1985 which were years of so much rain and spates of Jaguaribe River in a region of valley in Ceará which has the same name as the aquifer. Among other issues such as working with the memories, the interpretation of orality and treatment of oral narratives as historical source and also as methodology of research, the text also addresses the survival strategies during flood times of those who were interviewed and political actions in that period, in search of electoral return, setting what we now call the spate industry.

Keywords: Floods; Jaguaribe River; Memory, Orality.

* Mestre em História pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Ceará - UFC; Doutorando do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: kamillosilva@gmail.com;

² Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

Introdução

Os entrevistados desse estudo falam indistintamente das ajudas oferecidas pelos Governos Estadual e Municipal durante o período de enchente, principalmente quando estes ficaram fora de suas casas, especificamente a partir de experiências vividas nos anos de 1960, 1974 e 1985. A diferença dos discursos localiza-se nas opções oferecidas pela experiência pessoal de cada um, que, a partir daí, compõe sua fala e, obviamente, lembram-se destes fatos de uma forma diferente. Neste momento específico, atinam às histórias onde, em suas memórias, figuram as ajudas recebidas dos órgãos públicos.

O trabalho é escasso durante a cheia, não se podiam abrir frentes de serviço como se faz na seca, restando ao retirante das águas, no dizer de Chico Pequeno comer “às custas do Governo e esperar que viesse alguma ajuda”. Desta forma, é comum ouvir relatos sobre distribuição de cestas de alimentos, agasalhos e medicamentos.

De 1960, ano da inundação agravada pelo rompimento da parede do açude Orós, até 1985, última enchente de grandes proporções que atingiu o Vale do Jaguaribe, muitas são as lembranças que relatam as ajudas recebidas. Partindo da afirmação de Avani, pode-se perceber o quanto as ajudas institucionais marcam os discursos dos entrevistados. Segundo ele: “Não sei onde isso teria parado se não fosse aquelas ajudas, aqueles tratores carregado de bolsas, distribuindo mercadoria para o povo, viu. Não sei.”³

O movimento das águas – Sobreviver em tempos de cheia

O livro *A Multidão e a História* - Saques e outras ações de massa no Ceará, escrito pelo professor Frederico de Castro Neves, traz indicações que ajudam a compreender melhor a ação das populações quando inseridas num contexto social onde há a exposição pública de suas misérias e um agravamento das dificuldades sociais; e sobretudo, que tipo de atitude estes grupos tomam, frente aos fenômenos, como por exemplo a seca ou a enchente, que sempre superam o caráter climático e tornam-se uma rede de intrigas mais elaborada e não só um problema climático mas um problema social.⁴

³ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

⁴ Frederico fala de seca, mas uma de suas conclusões serve de indicação pra reflexões contidas neste trabalho. Segundo o autor, quando da interpretação do relato de um de seus entrevistados sobre momentos críticos da seca, existem “*Alguns métodos de pressão utilizados pelos retirantes. O principal deles é a concentração maciça exigindo – na forma, às vezes, de pedidos que apelam à caridade – trabalho e alimentos, deixando como último recurso, como bem enfatiza o engenheiro, a esmola pura e simples*”. O trecho se refere a um relato do Sr. Paulo de Brito Guerra, ex-engenheiro do DNOCS (Departamento

Às vezes, como não se tem, nem se pode criar trabalho, frente ao espectro da fome, resta o recebimento de gêneros. Avani faz um relato bem detalhado sobre a distribuição de mercadorias. Segundo ele, mesmo passando por tamanha dificuldade durante a enchente de 1985, nos lugares de abrigo, o povo estava todo misturado, o sofrimento era grande, mas todos tinham o que comer.

Kamillo sobrou mercadoria. Na cheia de 1985 a calamidade pública foi pelo volume d'água, mas hoje a fome tá muito maior, tá muito mais triste que em período de cheia. A cidade é pequena, você sabe. É grande hoje porque tá tudo no seco, mas no dia em que tava todo mundo no centro da cidade, era uma cidade pequena. Era assim uma coisa sem limites. Pessoas estranhas junto de pessoas estranhas. Não era ter um pessoal de um bairro num mesmo setor. Era tudo misturado. Tudo misturado, mas tudo com comida. A gente recebia assim uma fava preta trazida pelo Governo que era uma delícia. Ovos, era assim a granel. Só se falava nos ovos. Todo mundo recebia. Não era uma distribuição para cada família. Cada pessoa individualmente recebia tantos quilos de fava, tantos pacotes de massa, tantas bandejas de ovos.”⁵

O relato da memória não deixa escapar as possíveis sensações vividas na época, como a satisfação de receber mercadoria quando esta ação era a mais vibrante saída para se evitar as privações enfrentadas em tempos de enchente. Não haveria, para Seu Avani, motivos para omitir as misérias da cheia, no que tange ao tema aqui tratado, visto que já fizera isso diversas vezes, ao contar sobre outros momentos da enchente e ao fazer referência ao presente e ao futuro, quando disse ser *a fome de hoje maior que a de ontem*, maior que a do período da enchente.

Esta fala de Avani pode ser interpretada a partir de duas questões. Primeiro, as pessoas que passam fome atualmente, não recebem ajudas do Governo com a intensidade vista em tempos de cheia: “toda a semana e em boas quantidades”; e segundo, o tempo em que hoje se vive é de seca. Os períodos de enchente foram calamitosos, mas todos sabiam que quando passassem, restava a esperança de se ter uma safra a partir do “molhado da cheia”, como o próprio Avani afirmou. Este sentimento não existe durante a estiagem.

Nacional de Obras Contra a Seca). NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. Coleção Outros Diálogos; 3. p. 14.

⁵ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

De acordo com jornais da época, o Governo do Estado do Ceará, após os episódios de 1960, quando do “arrombamento” do Açude Orós⁶, começou a pensar numa política de convivência com as intempéries naturais. Criou o GESCAP – Grupo Especial de Combate às Calamidades Públicas, instituído a então Secretaria de Agricultura e Abastecimento, pelo Decreto Lei de Nº 9.537 de 31 de Agosto de 1971, vislumbrando a situação de seca enfrentada pelo Estado nos primeiros anos da década de 1970. Até esse ambiente de seca pode ser verificado nos relatos. Seu Chico Pequeno, num de nossos encontros, quando perguntado sobre as chuvas de janeiro de 1974, disse: “Em 71 foi seco aqui pra nós, sequim, sequim... Aí 72, 73, quando foi na entrada de 74, no 1º de janeiro, aqui foi um absurdo d’água.”⁷

O órgão criado pelo Governo do Estado logo estaria em campo de ação por conta de uma enchente em 1974, gerindo recursos financeiros, gêneros alimentícios, medicamentos, peças de vestuário e barracas de lonas, material que foi mandado para os municípios durante a passagem da enchente.

Não foi a primeira vez que o GESCAP apareceu nas páginas de O Povo, mas em matéria publicada no dia 20 de março de 1974, o Grupo afirmava que “novas enchentes poderão ocorrer, uma vez que continua chovendo em todo sertão cearense.”⁸ Logo a instituição estatal adquiriu relevância por conta do agravamento da situação e a partir dali, quase sempre, junto com os fatos das enchentes por todo o Estado, passou a figurar na capa do jornal, tendo suas ações amplamente divulgadas.

Os entrevistados não fazem referências às siglas, contudo, relembram a ação do governo e nomeiam as pessoas que trabalhavam na distribuição de alimentos a partir de outros referenciais da sua experiência. Chico Pequeno lembra assim:

Quando a água invadiu a casa, nois tinha que procurar o alto. Aí, veio a **autoridade** tomar de conta do pessoal. Pra vir o alimento. Traziam aquelas lonas naqueles carros e traziam aquelas barracas dentro mato. Ai a gente ia pra dentro delas. Ali trazia a massa de

⁶ O Açude Orós, cujo nome remete-se ao município homônimo no qual mesmo fica localizado tem uma trajetória história peculiar hoje estudada por mim na pesquisa do doutorado. A barragem cujas origens remontam a época do Império brasileiro, foi finalmente retomada e construída – após sucessivos esquecimentos e abandonos, no triênio 1958-1960. O que não se esperava, nem da natureza, nem da engenharia, foram os fatos ocorridos no meses iniciais do ano de 1960. O inverno daquele ano, acumulou incrível quantidade de água, junto à parede da edificação, que foi construída antes mesmo de seu sangradouro. A região do Vale do Jaguaribe, viveu então grande expectativa pelo arrombamento da parede do açude, fato ocorrido na madrugada do dia 26 de março de 1960. O acontecimento agravou a enchente do rio Jaguaribe que já se configurava naquele ano. (Nota do autor)

⁷ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

⁸ Jornal O Povo de 20 mar. 1974. p. 12.

milho, trazia a fava, trazia o arroz, traziam tudo. Foi a nossa salvaguarda.⁹

Outra vez se refere a estas pessoas que vinham como se fosse a polícia: “veio a polícia, trazendo aquelas lonas, chegava dentro do mato era só fincar, fazia aquelas barracas, a gente se arranchava. E a mercadoria vinha também.”¹⁰ Seu Avani fala das pessoas que vinham fornecer ajudas durante a enchente, de outra forma. Ele destaca uma parte da vestimenta destes funcionários para nominá-los. “A mercadoria se recebia sem problema. Tranquilo e com calma. A distribuição já vinha diretamente pelos homens lá do governo, lá os... tá entendendo? Os **punhos vermelhos**, como diz o ditado”.¹¹

A marcação da memória dos depoentes mostra como eles mantiveram contato com o cotidiano descrito pelos jornais e pelos documentos oficiais, e como resignificaram estas características de acordo com suas experiências. O Exército, a Defesa Civil do Estado, agentes da Cruz Vermelha internacional¹², funcionários do GESCAP e até mesmo voluntários, figuram na memória através de denominações carregadas de sentidos para estas pessoas, como a “polícia” ou os “punhos vermelhos”. Esta dessemelhança contida nas lembranças dos nomes das entidades que trabalharam durante a enchente não se repete quando da recordação das ações efetuadas por eles. Há uma lógica que rege o discurso de nossos entrevistados, fazendo com que as histórias sobre ajudas governamentais tenham uma correspondência ou estabeleceram conflitos como, por exemplo, de elogiar ou não os políticos da época.

Avani é mais detalhista quando narra a ação do prefeito da cidade durante a enchente. Coincidentemente, o prefeito da cidade de Jaguaruana durante as enchentes de 1974 e 1985 foi o Sr. Manuel Barbosa Rodrigues. Popularmente conhecido como *Manezinho*, o ex-prefeito é repetidas vezes citado nas entrevistas, não somente por Avani, mas por outros entrevistados. Sua atuação como prefeito em 1974 foi, nos relatos orais, atrelada à figura do vice-prefeito, o Sr. José Hamilton, que segundo os entrevistados, foi quem assumiu a responsabilidade da administração da cidade durante o período da cheia. Em 1985, a imagem de Manezinho, divide espaço com a do então Governador do Estado, o Sr. Gonzaga Mota. Quando Seu Avani recorda a atuação da Prefeitura Municipal durante estas duas enchentes, logo descreveu o ambiente que se instalou e não se esquece de nenhum dos personagens:

⁹ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 19 jun. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

¹⁰ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 25 jul. 2004. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

¹¹ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005. Jaguaruana, bairro Alto.

¹² Em matéria publicada no Jornal O Povo de abr. 1974, fala-se da presença da Cruz Vermelha em visita aos desabrigados da enchente. Em 1985 também há relatos da visita da instituição ao Vale do Jaguaribe.

Em 1974 e 1985 o prefeito era o mesmo, o seu Manezinho Barbosa. Mas que em 74 teve ajuda, mas não foi muita não. Logo quem administrava mesmo era o Zé Hamilton, que era o vice. Teve ajuda, mas não foi igual a 85 não. Em 85, Seu Manezinho logo decretou calamidade pública, parou as escolas e o povo começou a entrar pra dentro, foi quando começou a calamidade. Ele requisitou dez canoas aqui dessa região do Alto para retirar o pessoal. Não foi o suficiente, mas foi um começo. Quando deu fé, foi chegando a mercadoria mandada pelo Gonzaga Mota que era o Governador.¹³

De fato, lembrar os administradores é comum nas falas. As iniciativas tomadas por estes durante os períodos de enchente ainda hoje são lembranças muito fortes, fazendo com que estas pessoas tenham um destaque em suas falas.

Assim como em 1974, o então Governador do Estado, César Calls, concentrou suas atividades de convivência com a enchente, a partir do trabalho do GESCAP, indo solicitar ajuda ao presidente Ernesto Geisel, conforme registra o Jornal O Povo¹⁴. Em 1985, o Governador Gonzaga Mota, através do projeto Missão Asa Branca, que foi criado em 1982, com o objetivo de combater a seca, desenvolveu atividades durante a enchente, até a missão ser encerrada naquele mesmo ano.

Seja durante a seca ou durante a cheia, as medidas paliativas implementadas pelo Governo como as frentes de serviço ou a distribuição de mercadorias, estigmatizaram positivamente a figura destes sujeitos. Foi isto que aconteceu com a figura de Gonzaga Mota. Durante a cheia de 1985, o Governador Gonzaga Mota esteve por três vezes na cidade de Jaguaruana e nestas visitas, segundo relatos, esteve sempre observando de perto o estado da cidade. Comunicando-se sempre com o povo, a ponto de ainda ser figura viva na memória da população local.¹⁵

¹³ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 nov. 2002. Jaguaruana, bairro Alto.

¹⁴ Cf. Matéria publicada no Jornal O Povo, 29 mar. 1974 que disse: *Governador vê inundações e vai a Geisel*. p. 1, 12. Do corpo da matéria, destaco a seguinte frase: *Amanha o engenheiro César Calls irá a Itaiçaba, Jaguaruana e Aracati para complementar as informações de que dispõe e observar “in loco” a situação*”.

¹⁵ Em campanha para Deputado Federal nas eleições de 2002, Gonzaga Mota exibiu, no seu horário eleitoral gratuito, imagens da cheia de 1985, dentre as quais destaca-se a do prédio da Prefeitura Municipal de Jaguaruana. Comparando o quanto a figura de Gonzaga Mota permanece viva na memória da população local, é importante registrar a sua votação naquela cidade que totalizou 2.191 votos. Sem ao menos visitar a cidade de Jaguaruana ou, aparentemente, sem ter alguém trabalhando para ele durante o interregno eleitoral, como justificar esta votação sem pensar nas explicações que a memória do povo oferece quando é lembrado como *salvador do povo* durante a enchente?

Eu tive de ver por três vezes o Gonzaga Mota aqui em Jaguaruana junto ao Manezinho Barbosa. Ali naquela região aonde hoje é o Eudes do Raí. Ali era um verdadeiro porto das canoas. Eu falei pra você que o pessoal que vinha de Gigui, Antonópolis, São José, amarrava as canoas ali na D Lenice Valente. E ali naquele lado do carnaubal, Córrego do Machado, amarravam as canoas ali onde é o Eudes do Raí.

Por sinal, um dia eu vi uma mulher chorando dentro de uma canoa, porque a casa dela tinha caído – eu não tenho conhecimento do nome da mulher, mas é do Tabuleiro – e o Gonzaga Mota sentou-se no banco da canoa e botou o filho dela nos braços. Não sou só eu que lembro disso, não. Dezenas de pessoas daquela região, naquele dia viram o Gonzaga Mota. E ele anunciou dentro da canoa que a partir do dia seguinte tinha mercadoria pra gente ir receber.¹⁶

Cabe ressaltar que todas estas iniciativas operadas pelos poderes constituídos são vistas pela população como atos de benevolência e bondade. Este tipo de discurso sempre foi muito notável, visto que estas ações tornam essas pessoas verdadeiros salvadores; ratificam o caráter paternalista inerente à política brasileira. São inúmeros os exemplos de pessoas que construíram suas imagens às custas da miséria do povo. Com Gonzaga Mota não aconteceu o contrário. Criou-se o mito do “Homem dos ovos”, em virtude de terem sido os ovos de galinha, a alimentação mais distribuída durante a enchente de 85.

Eram duas vezes por semana. Aí dizia, hoje chega o avião, era abaixando um e subindo outro, cheio de mercadoria. Foi no tempo do Gonzaga Mota, nós chamava ele de Gonzaga dos ovos (risos). Eu falei com ele e disse você é o homem dos ovos. Ele foi e disse: - Sou eu mesmo. (Chico Pequeno)¹⁷

Em 85, um cidadão que hoje é falecido, foi pra Fortaleza, falar diretamente com o Gonzaga Mota. Ele trouxe 3 mil ovos! Aí ele dava dez ovos a cada pessoa, com uma bolsinha de mercadoria, um arrozinho, feijão e outras coisas. Quer dizer que 3 mil ovos daria para trezentas pessoas. Você já sabia disso? Ele ficou conhecido como o homem dos ovos, e era mesmo. (Avani)¹⁸

O Governador nesse tempo era o Gonzaga Mota, este é quem baixava de helicóptero, até na praça, trazendo recurso. E então, trazia mercadoria e distribuía. Manezinho nesse tempo era prefeito e o Gonzaga Mota deu apoio a ele. Até o Gonzaga Mota ficou como o homem dos ovos. Ainda hoje é conhecido. (José Felipe)¹⁹

¹⁶ Antonio Alvanir de Almeida, entrevista realizada em 13 de novembro de 2002, Alto, Jaguaruana - Ce.

¹⁷ Francisco Luiz da Silva, entrevista realizada em 12 jan. 2005. Jureminha, Jaguaruana – Ce.

¹⁸ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 13 de novembro de 2002, Alto, Jaguaruana - Ce.

¹⁹ José Felipe Miguel. Entrevista realizada em 10 nov. 2002. Jurema – Jaguaruana, Ce.

No tempo que o Gonzaga Mota era o Governador ele mandou muita ajuda pra cá. Muito ovo. Os ovos do Gonzaga Mota, lembra? (risos) (Sebastião da Farmácia)²⁰

Os relatos de Chico Pequeno, Avani, José Felipe e Sebastião da Farmácia são leituras sociais criadas em torno da pessoa do ex-governador. As memórias sobre as ajudas sempre vêm acompanhados dos nomes que deram tais auxílios. Portanto, relatar a história das ajudas concedidas durante a enchente é, para estes homens e mulheres, falar de pessoas que os ajudaram, não importando, ou não parecendo importar, que interesses podiam estar envolvidas naquela iniciativa.

Seria importante perceber ainda de que fatos concretos tais lembranças advém. Neste caso, o pano das memórias sobre as ações dos políticos foi a necessidade vivenciada na época e agravada por conta da enchente. Para E. P. Thompsom, a atitude dos povos, frente aos problemas, mesmo que demonstre em si uma relação ambígua, traz consigo, na gestação das ideias uma noção legitimadora.²¹

Estas lembranças também vêm carregadas de sentimentos que podem ser alegres ou tristes. Receber as mercadorias que vinham do Governo era, por exemplo, seu momento de alegria, ou melhor, a lembrança do episódio apresenta uma narrativa feliz. Mas nos relatos de Sebastião, Chico Firmino e principalmente de Avani e Chagas Serafim aparece a ideia de certo clima político que regia algumas vezes o processo de distribuição de mercadorias.

Ajudas na contramão – A indústria da cheia

Antes de passar para este tema propriamente dito, é preciso explicar que Jaguaruana é uma cidade do interior do Ceará que, politicamente, durante muito tempo, viveu subjugada por dois grupos políticos. Nas enchentes de 1960, 1974 e 1985, este ambiente era ainda mais forte.

Os Jaguaribes e os Freitas eram duas famílias que se revezavam no poder. Para compreender melhor o período, o prefeito de Jaguaruana em 1960 era Adalberto Freitas, enquanto que nas cheias de 1974 e 1985, o prefeito foi Manezinho Barbosa, herdeiro político da tradição construída pela família Jaguaribe. Esses grupos se cognominavam *Chapéu* (Freitas) e *Bigode* (Jaguaribes) e mantinham acirrada a disputa política durante o ano todo em frentes de oposição. A cidade se dividia em torno desses dois grupos políticos. Em tempos de enchente não era diferente.

²⁰ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 9 nov. 2002, Jaguaruana – Ce.

²¹ Cf. THOMPSON, E. P. A economia moral da multidão inglesa no séc. XVIII. In: *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p 152.

Apesar de Avani e outros terem dito que não faltou ajuda e sobrou comida em 1985, é evidente que num período calamitoso como a enchente, não se houvesse criado um ambiente de fome e doença como outrora preconizado, a ambiência da política partidária facilmente apareceria nas ações de enfrentamento e nos relatos dos entrevistados. Além disso, outros entrevistados não apresentam os políticos como normalmente se fala deles. Seu Joaquim Cariri ojeriza o nome do Governador Gonzaga Mota.

O Gonzaga Mota, mandou ovos pra ali. Pra cá não mandou não. Era no tempo do Manezinho, por sinal na política, eu nunca gostei do Gonzaga. Vocês chamam ele de Gonzaga Mota? Mas eu chamo ele de Gonzaga *Mole*. Porque ele é mole mesmo, é o bicho mais chato do mundo. Botar um cara daquele no Governo. Fez nada, deixou todas as estradas acabadas. Achou que os ovos eram baratos e enchia de ovos o povo, com qualquer parte de dinheiro ele comprava, como de fato comprou. Mandou ovos que apodreceu por aí.²²

Na imprensa também se podem detectar críticas em relação à atuação dos Governos estaduais em diferentes épocas. Em 1960 e 1974, mesmo dizendo os entrevistados que “deu pra passar” e os jornais e relatórios do GESCAP terem registrado as inúmeras quantidades de mercadoria distribuídas em todo o Estado naquele ano, os mesmos homens e mulheres que entrevistei reconhecem que foi um período difícil, expondo a complexidade da memória que é feita de contradições e conflitos.

Entretanto, em uma das entrevistas, Avani foi evidenciando outros aspectos que não haviam sido mencionados antes. Falou das ajudas que vinham, mas lembrou do favorecimento político que fazia com que as ajudas chegassem a uns e a outros não. Talvez tenha falado sobre isto, influenciado pelo clima político que a cidade vivia²³, lembrando e muito, as antigas disputas protagonizadas pelos Jaguaribes e os Freitas.

Avani - Vou falar da minha experiência. Vai funcionar um pouquinho de politicagem aqui no meio. Pra não usar nomes de ninguém, eu e você somos dois candidatos, eu derrotado e você eleito. Se você é eleito, você claro que vai tapar os becos para que eu, como derrotado, não possa trazer mercadorias para o meu povo,

²² Joaquim Cariri. Entrevista realizada em 27 de julho de 2005 na comunidade de Cardeais. Jaguaruana.

²³ As entrevistas foram feitas logo após a posse do atual prefeito, o Sr. José Augusto de Almeida. Os ânimos políticos continuavam acirrados estabelecendo uma disputa entre o grupo político do atual prefeito e da candidata derrotada nas eleições de 2004, a Sra. Ana Maria Barbosa, filha do ex-prefeito, Manezinho Barbosa.

tá entendendo. Eu não tenho medo de gravar e de assumir o que eu tô dizendo. Se eu sou derrotado, mas tive uma chance de conseguir um negócio lá para alguém, é claro que as minhas bolsinhas de coisas, eu vou escolher para aqueles que votaram em mim. Isso, vamos dizer assim, se não acontece, mas eu como experiente, como sofredor, eu temo a isso, tá entendendo? Vamos dizer hoje, hoje, na altura em que foi a política e continua sendo, hoje. Nós pegamos aqui um negócio ao contrário do que se espera, uma seca ou uma cheia, eu não quero nem que você combine, quem trouxe pelo lado da administração atual, eu acho que vai olhar com melhor olhos pra quem ajudou o prefeito a subir ao último degrau e quem trouxe pelo lado que não teve vitória, vai lá para os que ficou sem vitória.

Kamillo - Você fala isso a partir de coisas que aconteceram no passado?

É. Porque em 1985 aconteceu. Não vou detalhar, mas me responsabilizo pelo que estou dizendo. E você sabe que a politicagem nunca amadurece, ela fica só de vez. Toda vida funcionando.

Kamillo - Essas ajudas vinham para todos mesmo ou era somente para alguns?

Todo mundo recebia tranquilo e com calma desde quando a distribuição viesse diretamente pelos homens lá do governo. Mas se vier para entocar na casa de não sei de quem, no armazém de não sei de quem, pra depois sair aquelas bolsinhas, aí coisa se torna mais severa. Aconteceu em 85, 74. E como aconteceu. Eu vi um cidadão que eu não vou citar o nome dele, ele me chamou e disse assim: venha cá, eu tenho uma mercadoriazinha aqui mas é pra distribuir só com o nosso povo. Aí mandou que eu procurasse um fulano, tá entendendo. Que realmente você conhece quem é do seu lado. Eu conheço quem é do meu lado. Ele dizia assim: você vá na casa de fulano e diga a fulano que venha aqui, na boquinha da noite ou de manhãzinha bem cedinho. Quer dizer só tava com fome aqueles que era do lado dele?²⁴

A ideia proposta por Avani, ao dizer que naquele momento em sua fala *iria funcionar um pouco de politicagem*, talvez sirva para demonstrar que no ambiente em que viveu toda a sua vida, é difícil falar sobre qualquer assunto sem se desvincular das questões político-partidárias. Neste mesmo caminho, as falas de Chico Firmino e Sebastião da Farmácia, não expõem os conflitos políticos que podiam estar acontecendo na época de enchente, porém falam da possibilidade de algumas pessoas não serem beneficiadas. Sebastião, quando indagado sobre a postura do prefeito e do Governador, disse

²⁴ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, Alto, Jaguaruana - Ce.

Eles tentaram ajudar. Vinha muita mercadoria. Mas não era o suficiente. Arranjaram canto e acomodação pra muita gente, mas não deu pra todo mundo e também algumas pessoas, às vezes, ficavam sem receber aquelas bolsas que distribuía²⁵.

O próprio Avani corroborou o mesmo pensamento, afirmando assim certa vez:

É, eu me lembro que uma das vezes da distribuição da mercadoria, foi um trator, carregado de bolsas, chamando as pessoas e dando. Nesse dia foi uma confusão. Era quem pegar, pegou, sabe. É num tumulto daquele só pode é alguém não ter conseguido, né.²⁶

A falta de clareza neste trecho na fala de Avani apresenta outra nuance do discurso dos entrevistados que é o receio de ser mais direto neste tipo de afirmação, que pode ser vista como uma crítica à atuação política dos governantes.

A memória trata de modo complexo a experiência, expondo momentos de alegria e divertimento, junto a lembranças de lutas e indignação. A história de Seu Chagas Serafim remete as mesmas histórias do beneficiamento de alguns em detrimentos de outros e confirma a fala de Avani que disse, em trecho de entrevista já citada, que se as bolsas viessem para ficar no armazém de alguma pessoa, haveria favorecimento. Na época desta entrevista, Seu Chagas tinha 84 anos, falava com muita dificuldade, mas pareceu criar nova vida quando relembrou os episódios de 1960, pois, segundo ele, como não tinha trabalho, “*se levantava com o sol alto, tomava banho no rio e bebia cachaça à vontade*”. A história que contou revela aspectos da enchente que não somente remetem à miséria, mas seu aspecto lúdico, o ócio festivo, demonstrando que mesmo sendo um fenômeno tido como uma catástrofe tinha seu lado bom. Na continuação, relembra a questão do favorecimento político.

Nesse dia, nós tinha ido tomar banho no rio. Quando a gente saiu um homem veio e perguntou:

- Chaga, tu veio tirar coisa lá do João Gomes? Eu disse sim. E ele disse:

- E não leva nada?

- Nada, nada. Aí ele disse assim:

- Vamos lá no Zé Antonio, Antonio Caçundé onde morava o Toinho, lá no Córrego. Aí pediu a chave e o homem que estava lá disse:

- Eu não tenho chave não. A chave que tem é o Sargento Rolinha. Vá lá pedir. Aí chegou um lá pra pedir e o Sargento disse:

- ‘Eu não abro’. E o outro disse:

- ‘Eu abro, eu abro é com a faca’. Aí o Sargento disse:

- Não, não isso aqui é dos pobres, da pobreza e eu vou dar parte de você.

Eu disse:

²⁵ Sebastião Pereira da Cunha. Entrevista realizada em 9 nov. 2002, Jaguaruana – Ce.

²⁶ Antônio Avani de Almeida, entrevista realizada em 09 jan. 2005, Jaguaruana, bairro Alto.

- E nós não somos pobre não?

Aí o sargento foi e haja custar e às custa dele a gente fez isso: o Juarez (Delfino) foi lá, abriu a porta, pegou um saca de 60kg de mercadoria, abriu, pegou uma parte de carne boa e disse:

- Isso aí dá pra você?

- Dá? Dá sobrando.

- Então pronto.

Aí foi feijão, farinha, café, açúcar, arroz. De tudo tinha um bocado. Deu mais de um quilo de cada coisa e a Fátima botou assim num saca. Deu um bocado de carne a Lúcia do Chico Gomes. O negócio era chegar com alguém importante, conhecido, viu. Como nós era pobre, ele não queria dar.²⁷

O conflito exposto por Seu Chagas demonstra que o processo de repartição de mercadoria tinha diferentes sentidos. O caminho das centrais de distribuição até o povo sempre foi longo, mesmo que, na época, não parecesse.

Para acompanhar a perspectiva da memória que expõe a distribuição de mercadorias explicitada, por exemplo, na fala de Seu Chagas Serafim, o registro feito pelos jornais foi um grande aliado.

Na pesquisa feita nas páginas de O Povo, jornal publicado na capital do Estado foi possível acompanhar as atividades do Governo Estadual durante as enchentes de 1975 e 1985. Mesmo sabendo que o jornal registrava os números fornecidos geralmente pelo GESCAP em 1974 e pela Defesa Civil em 1985, também havia críticas à atuação destes órgãos no que diz respeito ao desenvolvimento de suas atividades. O comentário que pareceu ser o mais ferrenho foi este feito no editorial do Jornal, no dia 21 de março de 1974, referindo-se à atuação do GESCAP.

Quando foi criado pelo atual Governo do Estado, o Grupo Especial de Combate às Calamidades Públicas – GESCAP, a iniciativa foi naturalmente saudada com grande importância, em face a longa experiência que tínhamos da incapacidade orgânica e funcional do Poder Público para enfrentar situações de emergência. (...) Os esquemas de socorro custavam a ser montados, e isto aconteceu por ocasião do arrombamento do “Orós”, acarretando sofrimentos inenarráveis às vítimas da catástrofe.

Infelizmente, não se pode dizer que a situação tenha mudado muito com a criação do GESCAP. Aparentemente, o órgão está de prontidão; na sociedade, ainda é surpreendido pelos acontecimentos, tardando as providências que precisam ser tomadas para enfrentar as emergências. E isto não deveria acontecer porque as nossas calamidades são bastante conhecidas e pode-se prevêê-las em certa medida. Sabe-se, por exemplo, que o

²⁷ Francisco da Chagas Serafim Neto, Entrevista realizada no dia 25 mar. 2004, Juazeiro. Jaguaruana-Ce.

Rio Jaguaribe costuma invadir algumas cidades como Itaiçaba, e outras. (...)

Antes mesmo que tais fatos ocorressem, O GESCAP deveria estar alerta. E para isto não precisaria possuir dom divinatório. (...) Desde janeiro configurou-se uma pesada estação de chuvas, com pluviômetros estourando. Era um sinal seguro do que poderia acontecer às populações vulneráveis. No entanto, só depois que estes fatos ocorreram é que o GESCAP se reuniu para adotar algumas providencias. [...]²⁸

O editorial, que é aquilo que expressa a opinião do jornal, segue propondo a criação de Coordenadorias Municipais de Defesa Civil, algo que somente foi colocado em ação por ocasião da enchente de 1985.

Dessa forma, o jornal, como veículo de informação, mas também como guardião e produtor de memórias, pode fazer críticas e elogios à atuação dos órgãos públicos durante a atividade de convivência com as enchentes. É também no jornal O Povo que se encontra a divulgação daquilo que foi feito pelo Governo do Estado após as enchentes. No dia 08 de maio de 1974, a matéria “*Sementes em Aracati*” revela a seguinte decisão governamental: *Com a diminuição das águas, Governo começa a distribuir sementes e enviar o povo para o replantio.*²⁹ A ideia do Governo encontra ressonância na fala de Seu Avani quando disse, num de nossos encontros, que, depois que passa a enchente volta-se para a agricultura, aproveitando a terra molhada que a cheia deixa.

Considerações finais

As histórias sobre ajudas governamentais foram um ponto forte nas falas destes homens e mulheres. Eles também falaram de outras ajudas que não vieram de políticos, mas de desconhecidos, vizinhos e parentes. Contudo, acreditam ainda hoje que teriam enfrentado dias piores se não fossem os auxílios externos. De fato, os números são impressionantes, assim como as lembranças.

D. Lourdes lembra o querosene para lamparina mandado pelo Governo do Estado após a cheia de 1960. Nas notícias escritas nas páginas do Jornal O Povo está a do encerramento das atividades do GESCAP em 1974, dizendo que até aquele dia, haviam sido enviadas mais de 20 mil toneladas de alimentos para os desabrigados durante todo o interregno da enchente Em

²⁸ Jornal O Povo 21 mar. 1974. Editorial. *CALAMIDADES*. p. 3.

²⁹ Jornal O Povo 08 mai. 1974. *Sementes em Aracati*. p. 12.

1985, as lembranças destacam os caminhões de mercadorias, os helicópteros sobrevoando a cidade, trazendo roupas e remédios e transportando pessoas doentes.

Seja na seca ou na enchente, constituem-se mecanismo de convivência e sobrevivência com tais fenômenos que são abalizados pelas relações de compadrio, criadas nos laços da política partidária, no voto de cabresto, na troca de favores.

Como vimos, a enchente também tem sua “indústria” de criação de mitos e personagens, compreendidos apenas no processo histórico e na longa duração, quando encontramos, ainda hoje, os nomes e sobrenomes de personalidades citados nas narrativas orais sobrevivendo e sustentando-se no cenário político local.

Fontes

Entrevistados

Antonio Avani de Almeida
Francisco da Chagas Serafim Neto
Francisco Luiz da Silva
Joaquim Cariri
José Felipe Miguel
Sebastião Pereira da Cunha

Jornais

O Povo 20 mar. 1974.
O Povo 21 mar. 1974.
O Povo 29 mar. 1974.
O Povo 22 abr. 1974.
O Povo 08 mai. 1974.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense: Rio de Janeiro, 1976. p 215.

FARGE, Arlette. Do Sofrimento. In: *Lugares para a História*. Lisboa: Teorema, 1999 p. 13-26.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

LUCENA, Célia de Toledo. *Artes de Lembrar e de inventar*. (re) Lembranças de imigrantes. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.p. 24.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000. Coleção Outros Diálogos; 3

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. Projeto História. São Paulo: EDUC, no 15, pp. 13-33, abr 1997.

THOMPSON, E. P. A economia moral da multidão inglesa no séc. XVIII. In: *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.